



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
FACULDADE DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS**

MICAEL DAVID DA SILVA

**UMA ANÁLISE SOBRE A RESISTÊNCIA NA OBRA *THINGS FALL APART* DE
CHINUA ACHEBE**

**CAMPINA GRANDE
2024**

MICAEL DAVID DA SILVA

**UMA ANÁLISE SOBRE A RESISTÊNCIA NA OBRA *THINGS FALL APART* DE
CHINUA ACHEBE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao curso de Letras Inglês, da Faculdade de Linguística, Letras e Artes, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras Inglês.

Área de concentração: Literatura

Orientador: Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586a Silva, Micael David da.

Uma análise sobre a resistência na obra Things fall apart de Chinua Achebe [manuscrito] / Micael David da Silva. - 2024.
25 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2024.

"Orientação : Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha, Coordenação do Curso de Letras Inglês - FALLA".

1. Análise literária. 2. Resistência cultural. 3. Colonização.
4. Identidade. I. Título

21. ed. CDD 801.95

MICAEL DAVID DA SILVA

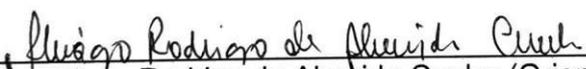
**UMA ANÁLISE SOBRE A RESISTÊNCIA NA OBRA *THINGS FALL APART* DE
CHINUA ACHEBE**

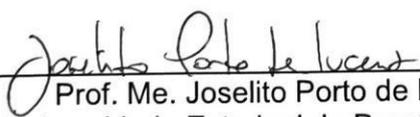
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao curso de Letras Inglês, da
Faculdade de Linguística, Letras e Artes,
da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título
de graduado em Letras Inglês.

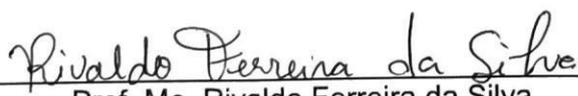
Aprovada em: 21/11/2024.

Nota: 9.5.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Joselito Porto de Lucena
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Rivaldo Ferreira da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ROMANCE E DO AUTOR CHINUA ACHEBE	7
2.1 Contexto histórico e cultural da obra	10
2.1.1 <i>O tradicionalismo entre os Igbo</i>	12
3 METODOLOGIA.....	14
4 TRANSFORMAÇÕES NA SOCIEDADE IGBO E A RESISTÊNCIA DE OKONKWO	15
4.1 Principais mudanças sociais retratadas na obra.....	15
4.2 O personagem Okonkwo como maior símbolo de resistência	17
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	22

UMA ANÁLISE SOBRE A RESISTÊNCIA NA OBRA *THINGS FALL APART* DE CHINUA ACHEBE

Micael David da Silva*

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo geral analisar as manifestações de resistência cultural na trajetória do protagonista Okonkwo, a partir da maneira como ele busca preservar suas crenças diante do impacto da colonização. Como objetivos específicos, busca-se discutir o modo de vida e os costumes da sociedade Igbo antes da colonização, bem como examinar de que forma a colonização afeta essa sociedade. Este trabalho argumenta que a resistência cultural, conforme ilustrada por Okonkwo, não é apenas uma defesa contra a mudança, mas também um esforço consciente de reafirmação das singularidades que definem o povo Igbo. Fundamentando-se em estudos sobre a história da Nigéria, tradição e colonização, cujos teóricos principais são: Oliveira (2012), Ohadike (1996) e Fanon (1961). A metodologia adotada inclui a análise textual bibliográfica com viés exploratório da obra, e foram examinados trechos específicos da narrativa que mostram a resistência do personagem Okonkwo. Esta pesquisa justifica-se pela importância de aprofundar a compreensão sobre os impactos da colonização na cultura e identidade africanas, além de contribuir para o debate sobre a preservação de tradições culturais em tempos de crise. A pesquisa aponta para a necessidade de uma análise mais crítica sobre os processos coloniais e suas repercussões na construção de identidades culturais, ressaltando a resistência como uma forma de preservação e adaptação cultural.

Palavras-Chave: Análise literária; Resistência cultural; Colonização; Identidade.

ABSTRACT

This work aimed to analyze the manifestations of cultural resistance in the trajectory of the protagonist Okonkwo, based on how he seeks to preserve his beliefs in the face of the impact of colonization. The specific objectives are to discuss the way of life and customs of the Igbo society before colonization, as well as examine how colonization affects this society. This work argues that cultural resistance, as illustrated by Okonkwo, is not only a defense against change but also a conscious effort to reaffirm the singularities that define the Igbo people. It is based on studies on the history of Nigeria, tradition, and colonization, with key theorists including Oliveira (2012), Ohadike (1996), and Fanon (1961). The methodology adopted includes a bibliographical textual analysis with an exploratory approach to the work, examining specific excerpts from the narrative that show Okonkwo's resistance. This research is justified by the importance of deepening the understanding of the impacts of colonization on African culture and identity, as well as contributing to the debate on the preservation of cultural traditions in times of crisis. The research points to the need for a more critical analysis of colonial processes and their repercussions on the con-

*Discente do Curso de Letras Língua Inglesa da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: micael.silva@aluno.uepb.edu.br

struction of cultural identities, emphasizing resistance as a form of cultural preservation and adaptation.

Keywords: Literary analysis; Cultural resistance; Colonization; Identity.

1 INTRODUÇÃO

O estudo entre colonização e resistência cultural é uma temática rica e abrangente que vem sendo debatida em inúmeros trabalhos, pesquisas e obras literárias pelo mundo. A obra *Things Fall Apart* (2009), escrita pelo consagrado e aclamado autor nigeriano Albert Chinualumogu Achebe (1930-2013), explora essas temáticas complexas onde nela, busca examinar os efeitos da colonização europeia na sociedade africana, bem como, a forma que essa comunidade encara esses acontecimentos, confrontando as influências colonizadoras.

Romance precursor da literatura moderna nigeriana, *Things Fall Apart* é um marco na literatura africana e uma obra essencial no cenário literário mundial. A história se passa na Nigéria, no final do século XIX, sendo representada como um território vibrante, repleto de complexidade social e cultural. A obra retrata a sociedade Igbo¹ em toda a sua riqueza, detalhando seus sistemas de crenças, tradições, práticas de justiça e hierarquias sociais. O autor oferece um panorama de uma comunidade autônoma, com uma estrutura social organizada e forte interconectividade entre seus membros.

Achebe apresenta a vida no clã de Okonkwo baseada em valores como honra, coragem e respeito às tradições ancestrais, destacando rituais, festividades e formas de governança coletiva. Contudo, a chegada dos europeus desencadeia um processo de choque cultural e desestruturação, onde as práticas coloniais e religiosas dos missionários impactam profundamente o equilíbrio da sociedade Igbo. Achebe explora os efeitos da colonização, ressaltando as tensões entre a resistência cultural e a transformação forçada pela introdução de valores e instituições ocidentais.

Nesse contexto, a presente pesquisa foca na obra *Things Fall Apart* (Achebe, 2009), com o objetivo geral de analisar as manifestações de resistência cultural na trajetória do protagonista Okonkwo, a partir da maneira como ele busca preservar suas crenças diante do impacto da colonização. Para alcançar esse objetivo, os objetivos específicos serão abordados: 1) Discutir o modo de vida e os costumes da sociedade Igbo; e 2) Examinar de que forma a colonização afeta essa sociedade.

A figura de Okonkwo na obra representa um pilar central da resistência cultural da sociedade Igbo diante da colonização, pois sua identidade e suas ações refletem os valores fundamentais que sustentam a coesão e a dignidade do povo Igbo. Ao adotar uma postura rígida em relação às tradições, ele simboliza a luta contra as influências coloniais que ameaçam desestruturar esses valores. Além disso, sua trajetória traz à tona conflitos internos na sociedade Igbo, como as divergências sobre mudanças culturais e o papel das normas tradicionais. Ao analisar suas ações e decisões, é possível compreender como Okonkwo personifica a luta pela preservação

¹ O povo Igbo é um grupo étnico localizado majoritariamente no sudeste da Nigéria. Conhecido por sua rica tradição oral, práticas culturais únicas e sistema social descentralizado, os Igbo mantêm uma identidade cultural forte, destacando-se pela valorização de tradições ancestrais e práticas comunitárias.

das tradições, crenças e modos de vida Igbo em um contexto de transformação e crise.

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de ampliar os estudos sobre a riqueza cultural da literatura africana. Além disso, busca desfazer preconceitos e oferecer uma nova visão da cultura africana, frequentemente representada de forma errônea e imprecisa.

Este trabalho utiliza uma abordagem qualitativa utilizando de procedimentos bibliográficos com o objetivo de revisar e analisar criticamente a literatura acadêmica sobre a obra "*Things Fall Apart*", de Chinua Achebe (2009). A pesquisa adota uma perspectiva exploratória para esclarecer e reformular conceitos, visando contribuir com futuras investigações.

Será utilizado como embasamento a obra de Achebe "*Things Fall Apart*" (2009). O "*Igbo Culture and History*" (1996) de Don C. Ohadike, para obter uma melhor compreensão das histórias e costumes Igbo, e o livro "Os condenados da terra" (1961) do renomado autor Frantz Fanon, que oferece críticas ao colonialismo e a violência como arma de libertação.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ROMANCE E DO AUTOR CHINUA ACHEBE

Things Fall Apart, publicado primeiramente em 1958, é um clássico da literatura africana escrito pelo prestigiado escritor nigeriano Albert Chinualumogu Achebe, mas conhecido mundialmente por Chinua Achebe. O romance se sobressai pela sua narrativa cativante, como também por sua investigação aprofundada dos acontecimentos e complexidades culturais, sociais e históricas da Nigéria pós-colonial, principalmente entre a sociedade Igbo.

É necessário dar importância ao contexto em que a obra foi criada, para que assim, tenhamos uma melhor compreensão da mesma. Achebe nasceu em 1930, na cidade Igbo de Ogidi, na Nigéria, localizada no Oeste do continente africano, durante um período de transição colonial. A partir do século XX, iniciou-se um processo de unificação da colônia e, durante os anos 1930, surgiram os movimentos nacionalistas nigerianos cujo objetivo era conquistar a autodeterminação e independência política da Nigéria em relação ao controle colonial britânico. Eles tinham a vontade de poder liderar seu próprio país sem intervenção estrangeira e estabelecer instituições governamentais nacionais (Oliveira, 2012).

Segundo Oliveira (2012, p. 30), "antes da década de 1930, não havia, entre a população da Nigéria, uma percepção dos indivíduos de si mesmos como 'nigerianos'". Nesse ponto de vista, é necessário apontar que o contexto simboliza mais do que uma simples falta de nacionalidade nigeriana, mas reflete um fenômeno mais complexo: o impacto do colonialismo europeu nas sociedades africanas e a forma como ele influenciou a percepção da identidade da Nigéria, de uma forma tanto individual, quanto coletiva.

Essa ausência de uma identidade nacional se explica, em grande parte porque, antes da chegada dos britânicos, a região era composta por uma diversidade de povos e reinos autônomos. Os Hausa e os Fulani, por exemplo, correspondiam a aproximadamente 29% da população; os Iorubás que representavam 21%; e os Igbos, cerca de 18% da população (CIA, 2012). Segundo Boahen (2010, p. 569),

a tal respeito, convém não perder jamais de vista a imensidão do continente africano, a diversidade e a variedade das sociedades africanas, dos temperamentos e da psicologia dos indivíduos e dos grupos, nem o fato de que

mesmo as reações a estímulos semelhantes estavam sujeitas a mudar, não só de uma sociedade para outra, mas até dentro da mesma sociedade.

Assim, é possível observar que o território africano transcende sua vasta extensão geográfica, englobando uma rica diversidade cultural e uma pluralidade de sociedades. Esses grupos sociais possuíam características únicas, tradições distintas e condições socioeconômicas variadas, não se reconhecendo como parte de uma única unidade política. Essa percepção foi alterada pelo colonialismo britânico, que desconsiderou as diferenças intrínsecas entre essas comunidades, instituindo uma entidade territorial, que anteriormente existia apenas de forma abstrata.

Com o passar do tempo, devido à educação colonial britânica, que ao invés de criar uma elite africana que colaborasse com o governo colonial, possibilitou a formação de pessoas com uma compreensão mais ampla de sua própria identidade (Oliveira, 2012). Em decorrência disso, em 1940, surgem Nnamdi Azikiwe e Macaulay, indivíduos de destaque na história da Nigéria, cujas participações foram cruciais no avanço do movimento nacionalista e na batalha pela libertação do país do controle colonial britânico.

Tornaram-se bastante populares na época por tomarem partido e transformarem-se em líderes, fundando o Conselho Nacional da Nigéria e dos Camarões (*National Council of Nigeria and the Cameroons* — NCNC), considerados um dos primeiros movimentos pan-nigerianos (Iweriebor, 2003). Em decorrência da sua liderança, foram criados movimentos sociais e políticos com finalidade de dispersar qualquer controle britânico e proteger os interesses nacionais da Nigéria.

Contudo, mesmo com essas crescentes aspirações de independência, o domínio britânico conseguiu se manter sólido na Nigéria. A batalha pela autodeterminação aumentaria ao longo dos próximos anos, chegando ao ponto culminante da independência da Nigéria em 1960. Tendo em vista esses acontecimentos, Achebe testemunhou pessoalmente esses impactos consideráveis do colonialismo europeu em sua terra natal e em sua cultura tradicional. Essas experiências profundamente influenciaram sua escrita e perspectiva sobre a identidade africana.

Por ter crescido sob o domínio britânico, Achebe vivenciou momentos históricos significativos, como a independência da Nigéria em 1960, os subsequentes golpes militares e a devastadora guerra civil entre 1967 e 1970. Foi educado em um colégio cristão e, durante a universidade, decidiu abandonar seu nome ocidental (Albert), adotando exclusivamente seu nome Igbo, Chinualumogu.

Com o tempo, adquiriu o apelido de Chinua por seus amigos, nome que ganharia grande reconhecimento mundial anos mais tarde, com o lançamento de *Things Fall Apart*, em 1958. A obra foi traduzida para mais de cinquenta idiomas e ultrapassou a marca de dez milhões de cópias vendidas ao redor do mundo.

Segundo Frantz Fanon, em sua obra “Os Condenados da Terra” (1961), a trajetória intelectual de Chinua Achebe pode ser compreendida em três etapas, entendidas por Fanon como fases da evolução. Cada uma dessas etapas reflete diferentes níveis de consciência e de envolvimento com a cultura e com a luta pela libertação.

Na primeira fase, Fanon (1961) aponta que,

O intelectual colonizado prova que assimilou a cultura do ocupante. As suas obras correspondem ponto por ponto às dos seus homólogos metropolitanos. A inspiração é europeia e facilmente se podem ligar essas obras a uma corrente bem definida na literatura metropolitana (Fanon, 1961, p. 231).

Dessa forma, devido à sua formação em um colégio cristão e aos estudos de Literatura Inglesa, Achebe buscou integrar-se à cultura do colonizador, adotando seus valores, estética e linguagem europeia. Essa fase caracteriza-se pela tentativa de inserção da civilização ocidental, muitas vezes abrindo mão de sua própria identidade e cultura.

Na segunda fase, Fanon (1961) diz que,

O colonizado movimenta-se e procura recordar-se. Este período de criação corresponde aproximadamente à imersão que acabamos de descrever. Mas como o colonizado não está integrado no seu povo, contenta-se somente em recordar (Fanon, 1961, p. 231).

Com o tempo, Achebe passa a recordar-se de sua própria cultura e história, manifestando uma crescente consciência da importância de suas raízes Igbo. Essa fase é marcada por uma busca de identidade, onde o colonizado tenta reconectar-se com suas raízes e tradições. Achebe, nesse processo, decide por voltar a usar o seu nome de batismo. Em sua obra *Things Fall Apart*, ele exemplifica essa reconexão, pois explora a cultura Igbo e os impactos do colonialismo, representando uma afirmação de sua herança cultural.

E na fase final, conhecida como fase da luta, Fanon (1961) pontua que,

O colonizado — depois de haver tentado colocar-se entre o povo, transforma-se no que desperta o povo. No decorrer contrário, o povo. Em vez de favorecer a letargia do povo, transforma-se no que desperta o povo. No decorrer contrário, o povo. Em vez de favorecer a letargia do povo, transforma-se no que desperta o povo (Fanon, 1961, p. 231-232).

Na fase final, Achebe se torna um agente ativo na luta pela consciência e libertação de seu povo. Ele posiciona-se como um “despertador” da consciência coletiva, usando sua escrita para criticar o colonialismo e para fomentar a identidade cultural africana. Por meio de suas obras e ensaios, engaja-se na transformação social e política da Nigéria, promovendo um diálogo sobre as realidades africanas em um contexto pós-colonial, completando assim, as três fases descritas por Fanon (1961).

O romance se passa durante o final do século XIX, momento em que a Nigéria começou a ser habitada pela chegada dos colonizadores europeus. Achebe habilmente retrata a vida na aldeia fictícia de Umuofia, destacando os costumes, crenças e estruturas sociais do povo Igbo antes da interferência colonial. Achebe apresenta uma imagem verdadeira e complexa da sociedade Igbo, mostrando sua riqueza cultural, tradições, crenças e suas nuances internas, utilizando sua própria vivência e alto conhecimento da cultura Igbo para oferecer uma narrativa autêntica.

Um dos aspectos mais marcantes de *Things Fall Apart* é a maneira como Achebe desafia estereótipos coloniais ao apresentar uma narrativa não eurocêntrica. Ele recusa a visão superficial dos colonizadores sobre a África como uma terra primitiva e sem história. Em vez disso, ele dá voz aos personagens africanos e revela a profundidade de sua humanidade e civilização, retratando-os com precisão e cautela.

O protagonista do romance, Okonkwo, personifica muitas das tensões e contradições da sociedade Igbo em transição. Ele é um guerreiro respeitado e um líder dentro de sua comunidade, mas também é atormentado por um medo profundo de parecer fraco, especialmente em comparação ao seu pai, considerado fraco e sem honra pelo guerreiro. Achebe utiliza a trajetória de Okonkwo para explorar temas universais como masculinidade, poder e tradição versus mudança.

Com isso, Achebe, através de sua escrita impecável, desafia preconceitos e estereótipos já enraizados como intolerância religiosa, papéis de gênero e tradições culturais. *Things Fall Apart* além de ser uma obra-prima da literatura mundial, também é uma poderosa afirmação da dignidade e da resiliência do povo africano em face da diversidade histórica e cultural. Achebe, falecido em 2013, aos 82 anos, deixou sua marca como um dos principais escritores do século XX, e seu efeito ainda é percebido não só na literatura africana, mas em todo o mundo literário.

2.1 Contexto histórico e cultural da obra

Esta seção será dedicada à análise do contexto histórico e social apresentado em *Things Fall Apart*. Será essencial examinar os elementos fundamentais da vida na sociedade Igbo, com ênfase na estrutura dos vilarejos, no papel social das mulheres e nas práticas religiosas do povo Igbo.

Ohadike (1996) explora o processo de formação de uma identidade comum para o povo Igbo, destacando que tal conceito é, em grande medida, uma construção do século XX. De acordo com o autor, os Igbo formam um dos maiores grupos étnicos do continente africano, somando aproximadamente quinze milhões de pessoas na Nigéria, além de mais de um milhão que vivem fora do país. A posição geográfica das comunidades agrícolas Igbo, estabelecidas entre os rios Níger e Cross, exerceu uma influência significativa no desenvolvimento sociocultural do grupo.

Segundo o autor, o isolamento entre as diversas aldeias e cidades da região, provocado pelas densas florestas que as separavam, resultou no surgimento de dialetos distintos da língua Igbo. Antes do século XX, cada um dos mais de duzentos grupos Igbo funcionava de forma independente, com suas próprias estruturas sociais e linguísticas, o que tornava a comunicação entre eles bastante difícil. De acordo com Falola e Heaton (2008),

[...]cada sistema de grupo de aldeia funcionava de forma autônoma; no entanto, todos os grupos de aldeias eram considerados Igbo, com base em uma língua comum, crenças religiosas semelhantes e várias instituições sociais intergrupais, como casamentos mistos, participação em sociedades secretas e adoração comum de oráculos. (Falola; Heaton, 2008, p. 22, tradução nossa).²

Essa diversidade corrobora a ideia de Oliveira (2012), quando observa que esses grupos viviam separadamente de forma autônoma. Porém, em decorrência da colonização, ocorrida entre 1900 e 1960, houve mudanças notáveis nessa configuração. Segundo Ohadike (1996, p. 19, tradução nossa), “muitos Igbo se aventuraram longe de casa e se reuniram em centros urbanos, no local de trabalho e em instituições de ensino superior”.³ Foi nesse contexto que os Igbo começaram a perceber as semelhanças culturais e linguísticas entre os diferentes dialetos de seu povo, o que levou ao surgimento de uma identidade comum, até então inexistente. Dessa forma, a ideia de uma “identidade Igbo comum” surgiu, na verdade, como consequência do período colonial e das transformações sociais do século XX.

²[...] *each village-group system functioned autonomously; nevertheless, all village groups were considered Igbo, based on a common language, similar religious beliefs, and various inter-group social institutions, such as intermarriage, membership in secret societies, and common oracle worship* (Falola; Heaton, 2008, p. 22).

³ *"Many Igbo people ventured far from home and congregated in urban centers, at the work place, and in institutions of higher learning"* (Ohadike, 1996, p. 19).

De acordo com Fanon (1961), a revalorização e o resgate das tradições culturais são extremamente importantes. É imprescindível que o povo restabeleça sua conexão com suas origens, práticas e manifestações artísticas. O autor argumenta que a construção da identidade inicia-se com o processo de descolonização mental. O colonialismo vai além da ocupação física de um território, impondo aos colonizados uma identidade negativa. Assim, para desenvolver uma identidade autêntica, é necessário recusar essa identidade imposta e reconhecer o valor intrínseco da própria cultura e história.

Na sociedade Igbo, a estrutura do poder político é influenciada por uma hierarquia baseada na idade. As decisões referentes aos diversos acontecimentos na aldeia eram tomadas por um conselho de anciãos, segundo Ohadike (1996) denominado ndichie, que assumem o papel de chefes das linhagens patrilineares, como podemos ver no seguinte trecho da obra,

Os anciãos, ou ndichie, reuniram-se para ouvir o relatório da missão de Okonkwo. No final, decidiram, tal como todos sabiam de antemão, que a moça seria dada a Ogbuefi Udo para substituir a esposa assassinada (Achebe, 2009, p. 32).

Segundo Falola e Haeton (2008, p. 22, tradução nossa), “os mais velhos eram responsáveis pelas decisões mais importantes de uma comunidade”⁴. Nesse sentido, a valorização da sabedoria era reconhecida como um elemento de prestígio em toda a comunidade, assim como a experiência, que desempenhava um papel significativo dentro desse contexto social.

O sistema de faixa etária, conforme debatido por Ohadike (1996), representa uma organização social em sociedades sem registros escritos, sendo possível identificá-las na obra de Achebe (2009). Essa estrutura ajudou a preservar a memória coletiva de eventos passados, como também definiu deveres e responsabilidades entre os membros da comunidade com base no princípio da senioridade. As faixas etárias mais jovens, de quinze anos ou menos, se encarregavam de afazeres mais simples como buscar água, limpeza de espaços públicos e compartilhar recados. Os homens de faixa etária média, entre dezesseis e quarenta anos, assumiam funções em momentos de conflito, formando as forças de combate em momentos de guerra. E por fim, os grupos com quarenta anos ou mais, eram encarregados de decidir questões judiciais e administrativas.

As aldeias Igbo eram organizadas em torno de um mercado central, que não servia apenas para a venda e troca de mercadorias entre os membros da comunidade, mas também funcionava como um fórum ou espaço de debate. Nesse ambiente, as aldeias se reuniam para discutir eventos e questões relevantes que impactavam a coletividade. Essa combinação de comércio e diálogo destaca a importância do mercado como um ponto focal na vida social dos Igbo (Falola; Heaton, 2008). Assim mostra Achebe (2009) em sua obra,

Na manhã seguinte, a praça do mercado estava repleta. Uns dez mil homens deviam estar reunidos ali, todos falando em voz baixa. Finalmente, Ogbuefi Ezeugo ergueu-se do meio deles e bradou quatro vezes: — Umuófia kwenu? Povo de Umuófia, estamos de acordo? A cada berro, ele se voltava para um lado diferente e parecia dar murros no ar com o punho cerrado. E todas as vezes dez mil homens respondiam Yaa! (Sim!) (Achebe, 2009, p. 30-31).

⁴ *"The elders were responsible for the most important decisions of a community"* (Falola; Heaton, 2008, p. 22).

As questões de gênero presentes na aldeia constituem elementos relevantes para análise crítica. Os Igbo viviam em uma sociedade patriarcal, na qual se observava uma clara divisão das funções de acordo com o gênero, aspecto que é evidenciado ao longo do desenvolvimento da narrativa. Joseph Thérèse Agbasiere, em sua obra *“Women in Igbo Life and Thought”* (2000), explora a importância da mulher Igbo na esfera doméstica e seu impacto na estrutura política da comunidade.

Agbasiere diz que “na esfera doméstica, a mulher Igbo reina suprema”⁵ (Agbasiere, 2000, p. 45, tradução nossa). Na esfera doméstica, a mulher Igbo realmente desempenha um papel central. Em um lar poligâmico, cada mulher tem sua própria casa, onde vive com seus filhos até que cresçam. A responsabilidade de sustentar a família e cuidar da saúde do grupo matrifocal recai sobre ela. Além disso, a socialização inicial das crianças fica quase toda em suas mãos. Por meio desse papel, ela cria laços fortes com os filhos, que mais tarde exercem influência política e religiosa na rede de parentesco. Em questões importantes, como o casamento de um filho ou filha, é comum que o marido consulte a esposa.

Além disso, a mulher Igbo encarrega-se do “peso do sustento familiar e cuidados de saúde do grupo matrifocal. A socialização precoce das crianças está principalmente nas mãos dela”⁶ (Agbasiere, 2000, p. 49, tradução nossa). Ou seja, essa responsabilidade a coloca em uma posição central na criação dos filhos, uma vez que permite a transferência de valores culturais e sociais essenciais. Como apontado pelo autor, o início da socialização da criança está inteiramente sobre responsabilidade da mulher, o que demonstra a sua importância na formação das gerações futuras.

Por fim, no contexto religioso, a vida nas aldeias tradicionais da África Ocidental é sustentada por uma interação constante entre o mundo visível e material e o mundo invisível, habitado por deuses, ancestrais, espíritos, bruxas e magos (Obiechina, 1975). Nesse contexto, esse mundo invisível desempenha um papel importante na vida cotidiana e social dessas comunidades, onde deuses e divindades exercem o papel de agentes espirituais que defendem, amparam e asseguram o bem-estar das aldeias, sendo frequentemente invocados em rituais e cerimônias locais.

Por se tratar de uma religião politeísta, os Igbo adoram uma diversidade de deuses e espíritos que habitam o mundo natural ao seu redor. Esses deuses e espíritos são relacionados a elementos naturais como rios, fenômenos naturais como trovão, etc. Os Igbo acreditam na existência de um deus supremo, conhecido como Chukwu, o criador de tudo e detentor do destino do universo e também em Ekwensu, que seria equivalente ao diabo para o cristianismo (Ohadike, 1996).

2.1.1 O tradicionalismo entre os Igbo

Nesta seção, delineamos as principais questões das práticas tradicionais na cultura Igbo, explorando a forma como essas práticas estruturam e determinam valores, a organização social e as relações comunitárias. A cultura Igbo, marcada por uma rica tradição oral e cerimoniais, sustenta-se em costumes que refletem não só a identidade coletiva quanto às relações e responsabilidades dentro da comunidade.

Conforme definido por Hornby (2010), a tradição oral é a expressão de práticas que têm perdurado por longos períodos entre grupos específicos de indivíduos. Dessa forma, *Things Fall Apart* propõe uma valiosa reflexão sobre a cultura Igbo,

⁵ "Within the domestic sphere, the Igbo woman reigns supreme" (Agbasiere, 2000, p. 45).

⁶ "Burden of family sustenance and health care of the matri-focal group. Early socialization of the children is principally in her hands" (Agbasiere, 2000, p. 49).

especialmente no que tange à tradição oral, na qual é retratada através do uso constante de provérbios e histórias contadas pelos anciãos, figuras que detêm maior respeito dentro da sociedade. Achebe utiliza os provérbios na obra como abordagem pedagógica, ou seja, ilustrando a transmissão de saberes e crenças, reforçando o papel das gerações mais antigas como portadoras da sabedoria.

A tradição oral integra o que Fanon (1969) denomina “literatura de combate”, cuja função é informar e mobilizar a população. Essa forma de literatura tem como objetivo transcender a dimensão artística, atuando como um instrumento político que contribui para formar a consciência nacional e impulsionar a luta pela liberdade.

Uzoigwe (1977) enfatiza que a tradição oral representa um aspecto da história onde não possui nada em registros físicos, sendo uma forma de narrativa sem um autor definido. Segundo o autor, a principal característica da tradição oral é a sua função na historiografia africana, onde se torna um elemento importante, pois ajuda a entender a história do continente de uma maneira que os textos escritos muitas vezes não conseguem. Em suas observações, Ajayi (1962) também destaca a importância da tradição oral ao sugerir que ela traz uma nova perspectiva sobre a escrita histórica, mostrando que as fontes orais podem ser tão valiosas quanto as escritas.

A importância dos provérbios no romance destaca-se no modo como o autor insere essas expressões populares para enriquecer a narrativa, representando o valor da oralidade na cultura Igbo, como podemos ver nos exemplos a seguir,

Entre os ibos, a arte da conversação é tida em alto conceito, e os provérbios são o azeite de dendê com o qual as palavras são engolidas (Achebe, 2009, p. 27);

[...]Desde que o homem aprendeu a atirar sem errar a pontaria, ele, o pássaro, aprendeu a voar sem pousar (Achebe, 1995, p. 42);

Pinto que um dia há de ser galo, a gente conhece assim que sai do ovo. (Achebe, 1995, p. 85);

[...]Se um dedo estiver sujo de óleo, manchará os demais (Achebe, 1995, p. 145);

Padilha (2007) observa que “a milenar arte da oralidade difunde as vozes ancestrais, procura manter a lei do grupo, fazendo-se, por isso, um exercício da sabedoria”. Além disso, as culturas orais fundamentam as sociedades através de tradições ancestrais, utilizando a memória como base para a transmissão de conhecimentos, já que ela tem a finalidade de guardar informações e desempenhar um papel importante na aquisição de saberes. Já a oralidade, está ligada diretamente à fala, que é entendida como uma forma de materializar ou expressar as vibrações das forças (Hampaté Bâ, 1982).

Na cultura Igbo, o casamento é uma instituição que vai além da simples união de duas pessoas, desempenhando um papel necessário na estrutura social e na perpetuação dos valores culturais. Simboliza a integração de famílias, grupos e comunidades, como também é considerado um meio para a continuidade do legado familiar e a preservação da linhagem (Ohadike, 1996). A fertilidade e a geração de numerosos descendentes são altamente valorizadas dentro dessa sociedade, e o casamento é visto como o primeiro passo essencial para a procriação. Os filhos são valiosos por representarem prosperidade, continuidade e segurança, especialmente no contexto de garantir a realização de rituais e sacrifícios em homenagem aos ancestrais após a morte, como podemos observar na citação a seguir,

— Não vos pedimos riquezas, porque aquele que tem saúde e filhos também terá riquezas. Não pedimos mais dinheiro, e sim mais parentes. Somos melhores que os animais porque temos parentes. Um animal, quando sente coceira, esfrega o flanco numa árvore; um homem pede que um parente o coce (Achebe, 2009, p. 187).

A família é considerada a unidade fundamental na produção agrícola em contextos onde a mecanização não está disponível. Nesse ambiente, o tamanho da família desempenha um papel crucial na disponibilidade de mão de obra necessária para a execução dessas atividades. Para mitigar o risco de pobreza, muitos homens recorriam à poligamia, uma prática que permitia o aumento do número de membros familiares e, conseqüentemente, da força de trabalho disponível. Assim, a poligamia era entendida como uma estratégia econômica eficaz para satisfazer as demandas laborais. Em alguns casos, isso levava os homens a contrair casamentos com mais de nove mulheres e a ter mais de trinta filhos, evidenciando a relevância da prática para garantir a eficiência na produção agrícola (Ohadike, 1996).

De acordo com Costa e Silva (2008, p.57),

Ter muitas mulheres não é só um sinal de riqueza, mas também uma fonte de riqueza. Na maioria das sociedades africanas, a prosperidade de um chefe de família - mulheres, filhos, noras, demais parentes, agregados e escravos - que tivesse que trabalhar para ele.

Nesse contexto, a posse de várias esposas era um indicativo de prestígio para os homens na comunidade Igbo. Segundo os estudos de Ohadike (1996), a primeira esposa, assumia o papel de chefe da casa, compartilhava dos títulos e honras adquiridos pelo marido. Esta posição de liderança implica a responsabilidade de presidir as deliberações domésticas, enquanto os homens frequentemente se limitavam a participar diretamente apenas em situações de emergência, o que evidencia uma clara hierarquia e uma eficiente delegação de funções dentro da estrutura familiar.

Ademais, é notável que as mulheres Igbo gozavam de direitos e liberdades significativas para a época. Elas residiam em suas próprias casas, administravam suas cozinhas, cuidavam de seus filhos e desempenhavam um papel ativo na economia ao cultivar e comercializar safras. Essa autonomia e participação econômica ressaltam a importância do papel das mulheres na sociedade Igbo, destacando a coexistência de prestígio masculino e autonomia feminina dentro da estrutura social e econômica da comunidade.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho assume uma abordagem bibliográfica que objetiva identificar e realizar uma análise crítica dos textos acadêmicos publicados sobre o tema em estudo, com o propósito de atualizar, expandir o conhecimento e contribuir para o desenvolvimento da investigação (Bocato, 2006). Seguindo uma perspectiva exploratória que tem como finalidade central ampliar, esclarecer e reformular conceitos e ideias, de modo a possibilitar a construção de problemas mais bem definidos ou hipóteses verificáveis, que servirão de base para estudos futuros (Gil, 1999).

Na fase exploratória, analisamos a tentativa de resistência cultural do protagonista Okonkwo na obra *Things Fall Apart* de Chinua Achebe (2009), que fornece uma perspectiva africana sobre o impacto da colonização europeia na sociedade Igbo, no contexto da Nigéria pós-colonial, que após longos anos sob domínio britânico, continua a enfrentar as repercussões da colonização, que se manifestam não apenas em sua economia, onde o capital europeu e americano exercem uma in-

fluência preponderante, mas também nas identidades da nação, que foram moldadas, em grande parte, pela interação conflituosa entre suas culturas tradicionais e ocidentais (Marcelo, 2018).

Com base nesse contexto, a pesquisa foi estruturada em torno de cinco eixos temáticos principais: “Contextualização do romance e do autor Chinua Achebe”, “Contexto histórico e cultural da obra”, “O tradicionalismo entre os Igbo”, “Principais mudanças sociais retratadas na obra” e “O personagem Okonkwo como maior símbolo de resistência”. Esses eixos foram definidos para organizar a análise de maneira sistemática, abordando desde o pano de fundo histórico e cultural até as dinâmicas sociais e o papel central de Okonkwo como representante da resistência cultural.

Levando em conta o exposto, o corpus deste projeto foi formado principalmente pela obra *Things Fall Apart* de Chinua Achebe, publicada primeiramente em 1958, mas que será utilizada uma versão de 2009. A escolha da obra se deve à sua importância dentro do conjunto da literatura africana e à sua relevância para a discussão sobre a preservação cultural na literatura.

4 TRANSFORMAÇÕES NA SOCIEDADE IGBO E A RESISTÊNCIA DE OKONKWO

Como já discutido antes, a obra *Things Fall Apart* retrata, detalhadamente, como a sociedade Igbo foi profundamente impactada pela chegada dos missionários europeus. Essas mudanças, inicialmente sutis, cresceram em intensidade, afetando aspectos culturais, religiosos e sociais, e desencadeando tensões entre os valores tradicionais da comunidade e os novos paradigmas introduzidos pelos colonizadores. Dentro desse cenário, o personagem Okonkwo emerge como uma figura emblemática de resistência, buscando preservar as tradições Igbo enquanto enfrenta desafios internos e externos.

Nesta seção, serão analisadas as principais transformações ocorridas na sociedade Igbo, desde o impacto das novas religiões até a modificação das estruturas sociais e políticas. Em seguida, abordaremos como Okonkwo, por meio de suas ações e escolhas, torna-se um símbolo central dessa resistência cultural, refletindo tanto os conflitos quanto às contradições que permeiam a luta pela preservação da identidade coletiva.

4.1 Principais mudanças sociais retratadas na obra

Inicialmente, é fundamental considerarmos que tais mudanças primeiramente ocorreram de maneira sutil e disfarçada, permitindo a entrada de uma nova religião de forma aparentemente pacífica, como podemos ver no trecho a seguir,

O homem branco é muito esperto. Chegou calma e pacificamente com sua religião. Nós achamos graça nas bobagens deles e permitimos que ficasse em nossa terra. Agora, ele conquistou até nossos irmãos, e o nosso clã já não pode atuar como tal. Ele cortou com uma faca o que nos mantinha unidos, e nós nos despedaçamos (Achebe, 2009, p. 198).

A estratégia inicial dos missionários envolvia o acolhimento das figuras mais vulneráveis dentro da comunidade, como mulheres, escravos e homens sem títulos, indivíduos que enfrentavam diversas formas de marginalização no contexto Igbo. Esses grupos, atraídos pela promessa de uma nova perspectiva de vida, passaram a integrar as fileiras de convertidos. Com o tempo, esse movimento ganhou força e expandiu-se, somando novos fiéis e, conseqüentemente, estabelecendo um conjun-

to de valores e diretrizes que contrastavam diretamente com as normas e tradições locais.

Esse crescimento gradual do número de seguidores consolidou a presença do cristianismo e aumentou as tensões culturais e sociais dentro da comunidade Igbo. O processo de conversão, embora inicialmente restrito a grupos marginalizados, eventualmente começou a influenciar outros membros da sociedade, incluindo aqueles com papéis e responsabilidades tradicionais, como, por exemplo, “Ogbuefi Ugonna, que recebera dois títulos e que, num ato de loucura, cortara a tornozela de seus títulos e a jogara fora para se juntar aos cristãos” (Achebe, 2009, p. 196). Assim, a nova fé passou a questionar e, em certos casos, subverter a autoridade das lideranças e as práticas culturais enraizadas.

Diversas mulheres, particularmente aquelas afetadas pelas tradições culturais opressivas, aderiram à nova religião com a esperança de que poderiam criar seus filhos gêmeos sem a imposição de abandoná-los na chamada Floresta Maldita. Este local, tradicionalmente considerado amaldiçoado, era destinado ao sepultamento de leprosos e, segundo as crenças anteriores, deveria também abrigar crianças gêmeas, vistas como símbolos de má sorte. A mudança de religião representava, portanto, não apenas uma ruptura com as normas ancestrais, mas também uma oportunidade de resistência às práticas que desumanizam a maternidade e impunham sofrimento às famílias, como podemos ver na seguinte passagem,

[...] Deve ser lançado fora, na Floresta Maldita, reservada às abominações, aos gêmeos, aos doentes de inchaço, aos ogbanjes, ou crianças perversas, que nascem para logo depois morrer e de novo nascer dos mesmos ventres, causando às mães o terrível suplício de saberem que terão de perder, nascimento após nascimento, interminavelmente, o mesmo filho (Achebe, 2009, p. 11).

Os Igbo interpretavam o nascimento de gêmeos como um fenômeno anômalo e místico, carregado de significados culturais e espirituais. De acordo com Ohadike (1996), até o início do século XX, prevalecia entre os Igbo a prática de abandonar bebês gêmeos logo após o nascimento. Essa prática, embora hoje seja vista como um tema sensível e controverso, refletia a forte desaprovação social e espiritual em relação ao nascimento múltiplo.

Ohadike (1996) aponta que, naquele período, gêmeos e trigêmeos eram percebidos como presságios de infortúnio e, por isso, abandonados na floresta para perecer. Esse ritual, enraizado em crenças místicas, evidencia como as normas culturais moldam a interpretação de eventos biológicos, refletindo uma visão de mundo que associava o nascimento múltiplo a uma ameaça à harmonia da comunidade.

Essa prática, entretanto, não se restringia exclusivamente aos Igbo. Outros grupos africanos, como os povos San e Ashanti, também atribuíam um significado sobrenatural ao nascimento de gêmeos e adotavam medidas semelhantes de exclusão ou abandono, motivadas por crenças espirituais e culturais. Nesse contexto de tradições rigorosas, algumas mães, ainda que relutantes em aceitar plenamente a nova religião introduzida pelos colonizadores europeus, viam nessa doutrina uma oportunidade de preservar a vida de seus filhos (Ohadike, 1996).

Essa possibilidade era particularmente significativa para mulheres que frequentemente geravam gêmeos e que, sem alternativas, precisavam escolher entre a continuidade de um costume tradicional ou a adoção de práticas que permitissem a criação dos filhos em condições seguras. Dessa forma, a nova religião apresentava-

se como um espaço de ressignificação cultural e de resistência para as mulheres que buscavam proteger sua descendência.

Outro aspecto relevante a ser analisado é a transformação no sistema de julgamento e resolução de conflitos da tribo,

Além da igreja, os homens brancos trouxeram também uma forma de governo. Tinham construído um tribunal, onde o comissário atuava como juiz. Tinha guardas sob suas ordens, que lhe levavam os indivíduos a serem julgados. Muitos desses guardas eram de Umuu, às margens do Grande Rio, onde muito tempo atrás os homens brancos tinham aparecido pela primeira vez, ali erguendo o centro de sua religião, comércio e governo (Achebe, 2009, p. 196).

Como observado por Ohadike (1961), antes da chegada dos europeus, o governo da aldeia era exercido por um conselho de anciãos, os *ndichie*, responsáveis por assegurar a justiça e a coesão social de acordo com os valores e as normas locais. No entanto, com a introdução da nova religião e das estruturas coloniais, esse sistema tradicional foi progressivamente substituído pela autoridade do comissário colonial, que passou a aplicar leis e sanções baseadas nas normas de sua própria terra natal. Essa transição implicou uma profunda mudança na administração da justiça, deslocando o poder dos líderes comunitários para agentes externos, e minando, assim, as bases culturais sobre as quais a coesão social se sustentava.

Essa mudança representou uma ruptura profunda para a comunidade, uma vez que o sistema de justiça deixou de refletir os valores e tradições locais, passando a seguir diretrizes impostas e alheias à cultura indígena. A substituição do modelo tradicional pelo tribunal do comissário implicava não apenas uma perda significativa de autonomia cultural, mas também um enfraquecimento das lideranças tradicionais, que até então eram pilares de autoridade e coesão social.

Ademais, o novo sistema introduziu um modelo punitivo distante dos costumes da aldeia, como a prisão e pagamento de fiança, promovendo penalidades que desconsideravam os contextos e as práticas de reconciliação próprias da comunidade.

4.2 O personagem Okonkwo como maior símbolo de resistência

As transformações sociais descritas anteriormente revelam a complexidade do impacto colonial sobre a sociedade Igbo, com mudanças que desestruturaram tradições culturais e modos de vida estabelecidos. Diante desse cenário de tensões e rupturas, a resistência cultural emerge como uma resposta à perda de identidade e autonomia do clã.

Nesse contexto, Okonkwo se destaca como a personificação dessa luta, representando, por meio de sua postura e ações, os esforços para preservar as tradições Igbo. Ao mesmo tempo, em que incorpora valores profundamente arraigados na cultura de sua comunidade, Okonkwo enfrenta as pressões externas impostas pelo colonialismo, tornando-se uma figura central na narrativa e um símbolo das dificuldades e contradições da resistência.

O conceito de resistência cultural refere-se à ação de indivíduos ou grupos que buscam preservar sua cultura frente às influências provenientes de culturas externas. Segundo Cohen e Fink, "As pessoas resistem à mudança quando consideram que suas consequências são negativas" (Cohen e Fink, 2003, p. 350).

Conforme o dicionário Dicio, resistência é: 1- Ação ou efeito de resistir; de não ceder nem sucumbir; 2- Recusa de submissão à vontade de outrem; Oposição; 3-

Defesa contra um ataque; etc. Assim, a dinâmica da resistência cultural fundamenta-se na proteção e na preservação da identidade, das tradições e dos valores que definem um grupo social específico.

Portanto, não apenas reflete a luta contra a homogeneização cultural, mas também representa um esforço consciente de reafirmação e valorização das singularidades que caracterizam a experiência coletiva de um povo. Para compreendermos melhor essa afirmação, é imprescindível definir o que se entende por "cultura" dentro do contexto de resistência.

Fanon (1961) argumenta que a luta pela libertação nacional é uma manifestação de cultura significativa. Ele define a luta organizada de um povo colonizado como uma maneira de afirmar sua identidade cultural e de resistir à opressão colonial. A cultura não é apenas do passado, mas um elemento ativo que se desenvolve e se transforma durante a luta pela liberdade.

A obra em questão é estruturada em três partes, cada uma delas refletindo a progressão da narrativa em consonância com os acontecimentos e as transformações tanto da sociedade quanto dos personagens centrais. Na primeira parte, Achebe introduz a vida cotidiana de Okonkwo e da comunidade Igbo, destacando práticas sociais, religiosas e econômicas, além da hierarquia social que regula as relações. Okonkwo é retratado como um homem forte e respeitado, empenhado em evitar o fracasso do pai. Essa introdução cria uma visão detalhada e respeitosa da cultura Igbo antes da chegada dos europeus.

A segunda parte aborda as consequências de um erro trágico de Okonkwo, que o leva a sete anos de exílio em uma vila materna. Durante esse período, missionários e colonizadores começam a se estabelecer em Umuofia, criando tensões entre a cultura Igbo e os valores europeus, como o cristianismo e a organização colonial. A distância de Okonkwo intensifica o contraste entre as tradições Igbo e as mudanças impostas pelos colonizadores.

Para a presente análise, será abordada a terceira e última parte, na qual a narrativa concentra-se no retorno de Okonkwo à aldeia de Umuofia após seu exílio de sete anos, decorrente do assassinato de um jovem, assassinato este considerado "feminino" por se tratar de um acidente. Ao retornar, Okonkwo confronta as profundas transformações que ocorreram durante sua ausência, destacando-se a presença e a atividade dos missionários, que, além de estabelecerem suas raízes por meio da religião, impõem seu domínio através de estruturas administrativas.

Para aprofundar o personagem Okonkwo como símbolo de resistência na obra, é necessário observar a maneira como Achebe desenvolve o protagonista como um pilar, servindo como representante principal das tradições Igbo diante das forças coloniais. O intuito de Achebe ao utilizar Okonkwo nesse contexto, é explorar o impacto psicológico e social causado pela colonização, bem como, destacar as tensões entre resistência e mudança cultural.

Desde o início da obra, a identidade de Okonkwo está estritamente ligada a reputação e glória, diferente de seu pai, "Unoka — morrera havia dez anos. Fora sempre preguiçoso e imprevidente, incapaz de pensar no dia de amanhã" (Achebe, 2009, p. 16). Para a sorte de Okonkwo, o valor de um homem não se dava pelas suas linhagens, mas sim pelo seu valor próprio (Achebe, 2009, 19). Dessa forma, devido ao trabalho árduo, Okonkwo conquista seu espaço entre os grandes homens da tribo, recebendo títulos de prestígio que são muito importantes dentro da sociedade e dizem muito da honra e feitos de um homem, mas em contrapartida, desenvolve aversão a tudo que é visto como fraco.

Esses atributos são fortalecidos ao desenvolver da obra, conforme Okonkwo enfrenta as ameaças em face de sua cultura com uma postura firme, mas ao mesmo tempo limitada: enxergando o combate a resistência apenas pela força física. Logo após a ação que levou à destruição da igreja cristã em resposta ao assassinato de um dos líderes espirituais por um convertido, Okonkwo demonstra o prazer que sentiu,

Pela primeira vez em muitos anos, Okonkwo sentia dentro dele algo muito próximo à felicidade. Tudo o que, tão inexplicavelmente, havia mudado durante seu exílio, parecia retornar ao que fora antes. O clã, que lhe tinha sido desleal, também parecia reconciliar-se com ele (Achebe, 2009, p. 214).

Como observado, Okonkwo experimenta a sensação de reconciliação não apenas com seu povo, mas também com sua própria identidade, que antes foram abaladas pelas forças inimigas. Esse sentimento de felicidade compartilhado por ele não deve ser visto como uma emoção passageira, visto que representa uma grande vitória de seus valores sobre os missionários e os convertidos. Bhabha (1998) sugere que, ainda em cenários de opressão, surge a possibilidade de reconfiguração das identidades e das narrativas. Ou seja, essa resistência é uma forma de esperança, pois permite que os povos colonizados reivindiquem suas vozes e histórias, contestando assim as estruturas de poder que foram estabelecidas.

Três dias após o ocorrido, o comissário distrital, que havia chegado de viagem, solicita uma reunião com os líderes de Umuófia, e seis representantes vão de encontro a eles. Okonkwo aponta,

— Nenhum homem de Umuófia nega-se a atender a um chamado — declarou. — Pode se recusar a fazer o que lhe pedem; mas jamais se recusa a ouvir um pedido. Entretanto, os tempos mudaram, e precisamos estar preparados para seja o que for. (Achebe, 2009, p. 179).

Ao afirmar que ‘nenhum homem de Umuófia nega-se a atender a um chamado’, Okonkwo invoca uma tradição que sustenta a coesão social do clã, reforçando o valor do compromisso coletivo. No entanto, ao reconhecer que ‘os tempos mudaram’, ele revela uma tensão interna: percebe que a sociedade Igbo está se transformando sob a pressão dos colonizadores, o que demanda uma postura mais cautelosa e adaptativa. Essa mudança implica que, para preservar as tradições, talvez seja preciso reavaliar certas práticas, equilibrando firmeza com prudência frente à nova realidade.

Após dirigirem-se à sede do tribunal para a reunião, os personagens se deparam com uma emboscada cuidadosamente arquitetada e são subjugados por doze guardas a serviço do comissário, que os mantêm sob prisão. Durante o cativeiro, são submetidos a atos de violência e humilhação, inclusive tendo suas cabeças raspadas uma a uma. Ao final de três dias de detenção, Okonkwo expressa sua indignação ao afirmar: “Se vocês me tivessem dado ouvido, teríamos matado o homem branco [...] Okonkwo estava engasgado de ódio” (Achebe, 2009, p. 180).

Fanon (1961) justifica que a raiva é uma reação natural e compreensível dos povos colonizados diante da violência e da desumanização que sofrem sob o colonialismo. Esse sentimento verbalizado por Okonkwo, pode ser interpretado como um agente motivador para a luta pela libertação, pois estimula as comunidades a se erguerem contra as injustiças.

Após o pagamento da fiança pela população Igbo, os guerreiros foram liberados. No entanto, ainda imersos em um profundo estado de ressentimento. Durante a

noite, o pregoeiro do clã caminhou pela aldeia comunicando que haveria uma reunião no dia seguinte na praça do mercado para debaterem sobre o acontecido,

Deitado na cama de bambu, pôs-se a recordar o tratamento recebido no tribunal do homem branco, e jurou vingança. Se Umuófia se resolvesse pela guerra, tudo bem. Mas, se decidisse se acovardar, ele se vingaria por conta própria” (Achebe, 2009, p. 183).

Pode-se observar que, apesar dos esforços estrangeiros para erradicar a cultura Igbo, as tradições deste povo permaneceram resilientes, mantendo o mercado como um importante espaço de reunião e interação comunitária, como apontado anteriormente por Ohadike (1996).

Além disso, o juramento de vingança de Okonkwo revela a complexidade de sua frustração. Para ele, o tribunal do homem branco representa uma marca de dominação que venceu sua cultura e expôs as vulnerabilidades de Umuófia diante do poder estrangeiro. Okonkwo mostra-se determinado a confrontar o colonizador sozinho, caso sua comunidade decida não lutar, demonstrando sua força de vontade em defender a honra e autonomia do seu povo. Ele visualiza com desprezo a possibilidade de uma atitude submissa do seu clã, na qual ele interpreta como um ato feminino de covardia.

No dia subsequente, a comunidade dirigiu-se à praça do mercado, onde lá ouviram o discurso de Okeke, amigo de Okonkwo que possui uma oratória invejável,

[...] Precisamos erradicar este mal. E se nossos irmãos ficarem do lado do mal, devemos erradicá-los também. E isso deve ser feito já. Precisamos baldear esta água agora, enquanto ela ainda só alcança o nosso tornozelo... (Achebe, 2009, p. 187).

Esse fragmento evidencia a importância da oralidade como uma poderosa ferramenta de resistência da comunidade às forças coloniais, como destacado por Ohadike (1996). A prática da oralidade se alinha ao conceito de 'literatura de combate' apresentado por Fanon (1961), que destaca o papel dessas narrativas em manter vivas as memórias de injustiças e lutas enfrentadas. Além disso, essas histórias também apontam para um futuro onde a libertação é concebida como uma possibilidade concreta, conectando o passado ao anseio por um novo horizonte.

Subitamente, um movimento inesperado surgiu entre a multidão, direcionando os olhares de todos para o mesmo ponto: cinco guardas, cuja presença foi percebida apenas quando se aproximavam da aglomeração. Okonkwo levantou-se imediatamente ao avistá-los (Achebe, 2009).

Após um dos guardas verbalizar que a reunião deveria ser encerrada a mando dos missionários, “Okonkwo desembainhou o facão. O guarda agachou-se para evitar o golpe. Foi inútil. O facão de Okonkwo abateu-se sobre ele duas vezes, e a cabeça do guarda rolou pelo chão ao lado do corpo” (Achebe, 2009, p.144).

Conforme exposto por Fanon (1969), a violência pode ser usada como uma resposta legítima à opressão. Ele argumenta que, para os povos colonizados, a constante luta pela libertação muitas vezes exige o uso da violência como um meio de reivindicar sua humanidade e restaurar sua dignidade. Desse modo, Okonkwo enxerga a violência como único recurso viável para resolver os diferentes desafios enfrentados pela tribo. Em momento algum ele cogita alternativas com base no diálogo, limitando-se a estratégias que intensificam os conflitos com os colonizadores.

Assim, essa linha de pensamento conduz Okonkwo a uma ação violenta contra o guarda colonial no clímax da obra, ação que pode ser interpretada como o ápice de sua trajetória de resistência. Ao optar pelo confronto direto, Okonkwo visa inci-

tar uma reação coletiva de seu povo; contudo, a frustração o toma ao perceber que os homens de Umuófia não compartilham da mesma disposição para o embate.

Ao constatar sua derrota iminente frente às forças coloniais, Okonkwo opta pelo suicídio, que simboliza seu último protesto: a recusa em viver em um mundo no qual os valores que tanto defende são suprimidos pela dominação colonial. Conforme observa Fanon (1969), a opressão colonial e a desumanização frequentemente conduzem os indivíduos a estados de desespero. A experiência de pessoas que se veem desconectadas de suas comunidades e culturas pode resultar em crises existenciais, levando-as a considerar o suicídio como um meio de escapar de sua dor.

Dessa maneira, Achebe emprega a morte de Okonkwo como um recurso crítico que expõe a perda da cultura Igbo e a desconexão entre as gerações do clã. Embora Okonkwo possua o desejo de preservar suas tradições, ele se torna, paradoxalmente, prisioneiro delas. O seu suicídio carrega uma carga simbólica profunda, funcionando tanto como seu último ato de resistência, quanto também de desespero, refletindo o peso da colonização sobre os valores culturais da sociedade Igbo.

O comissário distrital, ao testemunhar a morte de Okonkwo, a aborda com uma frieza alarmante, condensando-a em um parágrafo considerado razoável em sua obra, intitulada “A pacificação das tribos primitivas do Baixo Níger” (Achebe, 2009). Essa abordagem ilustra o profundo abismo entre a perspectiva colonial e a realidade vivenciada pelos colonizados. A morte de Okonkwo evidencia que, para ele, a resistência não era uma opção a ser negociada; sua escolha pelo suicídio simboliza uma rejeição ambígua.

Embora o suicídio represente uma forma de escapismo diante do colapso iminente de sua sociedade, essa decisão, paradoxalmente, contradiz os princípios de sua tribo, na qual o ato de suicídio é considerado uma ofensa à deusa da terra. Nesse contexto, aqueles que cometem tal ato são impossibilitados de receber um sepultamento adequado em seu clã, o que ressalta a gravidade de sua decisão e o conflito entre suas convicções pessoais e as normas culturais que o cercam.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral analisar como o protagonista Okonkwo reage às imposições culturais trazidas pela colonização, evidenciando como ele busca preservar as tradições e crenças da sociedade Igbo diante das pressões coloniais. Para alcançar esse objetivo, foram abordados o modo de vida, costumes Igbo e o impacto da colonização nessa sociedade.

Considerando o aprofundamento nas situações de conflito cultural e nas ações de Okonkwo como símbolo de resistência, conclui-se que o objetivo foi alcançado. Através do estudo das atitudes de Okonkwo e de sua comunidade, observou-se a complexa tensão entre a preservação dos valores culturais Igbo e a imposição da cultura colonizadora, revelando os dilemas internos e os extremos da resistência enfrentados pelos colonizados.

A análise evidenciou que a resistência cultural em *Things Fall Apart* é complexa e multifacetada, com Okonkwo representando a defesa de tradições que, mesmo diante de sua deterioração, são mantidas com vigor. Contudo, sua reação limitada à violência e à oposição física ilustra as dificuldades de um confronto efetivo com o colonialismo, que se manifesta de maneira não apenas física, mas estrutural e psicológica.

Achebe utiliza o personagem de Okonkwo para demonstrar a forma como o colonialismo subverte estruturas sociais e religiosas, o que eventualmente leva à de-

sintegração da coesão comunitária e à fragmentação de identidades culturais. O suicídio de Okonkwo, um ato simbólico e contraditório, expõe o impacto devastador da colonização sobre as sociedades tradicionais e a tragédia de uma resistência que, ao não se adaptar às novas circunstâncias, acaba por conduzir o personagem a um destino de desespero.

Entre as limitações da pesquisa, destaca-se a ausência de uma análise aprofundada sobre os motivos e justificativas apresentados pelos colonizadores para a dominação, como as alegações de superioridade cultural e civilizatória. Conceitos como *mimicry*, *otherness*, *subaltern* e *orientalismo* não foram explorados, embora pudessem esclarecer as estratégias discursivas utilizadas pelos europeus para legitimar a opressão e o extermínio das culturas indígenas. Esses aspectos teriam contribuído para uma compreensão mais detalhada das dinâmicas de poder e resistência presentes na obra.

A importância deste estudo reside em sua contribuição para a compreensão das dinâmicas de resistência cultural em contextos coloniais, destacando o impacto psicológico e identitário que a opressão exerce sobre os indivíduos e comunidades. Além disso, ao explorar como Achebe retrata a luta pela preservação da cultura Igbo, este trabalho enfatiza a relevância de preservar e valorizar as culturas tradicionais em um mundo globalizado, onde muitas comunidades enfrentam pressões similares de aculturação.

A pesquisa também ilumina o papel da literatura como ferramenta para revelar as consequências do colonialismo e reforçar a importância da resistência como meio de afirmação identitária, oferecendo uma perspectiva valiosa sobre as formas como grupos marginalizados podem reivindicar e ressignificar suas narrativas.

REFERÊNCIAS

ACHEBE, C. **O mundo se despedaça**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

AGBASIERE, J. T. **Women in Igbo Life and Thought**. New York: University Press, 2000.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliane Livia Reis, Glauce Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOAHEN, A. A. (Ed.). **História Geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. 1040 p. ISBN 978-85-7652-129-7.

BOCCATO, V. R. C. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação**. *Revista Odontológica da Universidade Cidade de São Paulo*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>. Acesso em: 29 out. 2024.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (CIA). **The World Factbook**. Washington, D.C., 2012. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/>. Acesso em: 6 nov. 2024.

COHEN, R. A; FINK, L. S. **Comportamento Organizacional: conceitos e estudos de casos**. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

DICIO. **Resistência**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/resistencia/>. Acesso em: 2 nov. 2024.

OHADIKE, D. C. **Igbo Culture and History: an introduction to Chinua Achebe, Things Fall Apart**. London: Heinemann, 1996.

Encyclopædia Britannica. Nigeria: Independent Nigeria. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Nigeria/Independent-Nigeria>. Acesso em: 24 out. 2024.

FALOLA, T; HEATON, M. **The history of Nigeria**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Tradução de Serafim Ferreira. 1. ed. Lisboa: Ulisseia, 1961.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed.). **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-212.

HORNBY, A. S. **Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English**. 8. ed. London: Oxford University Press, 2010.

IWERIEBOR, E. E. G. Nationalism and the Struggle for Freedom, 1880, 1960. In: OYEBADE, Adebayo (Ed). **The Foundations of Nigeria: Essays in honor of Toyin Falola**. Asmara: Africa World Press, 2003, Cap. 4, p. 79-105.

IWERIEBOR, E. E. G. Nationalism and the Struggle for Freedom, 1880–1960. In: OYEBADE, Adebayo (Ed.). **The Foundations of Nigeria: Essays in Honor of Toyin Falola**. Asmara: Africa World Press, 2003. Cap. 4, p. 79-105.

MARCELO, N. A. **As marcas da colonização na Nigéria no século XX**. Revista África e Africanidades, Ano XI, n. 28, p. 1-29, out. 2018. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com.br>. Acesso em: 29 out. 2024.

OLIVEIRA, G. Z. **Nigéria: história da política externa e das relações internacionais**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Internacionais) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PADILHA, L.C. **Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX**. Niterói: Ed. UFF, 1995.

SILVA, A. C. **A África explicada aos meus filhos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

UZOIGWE, I. N. **What is African History.** A paper presented at the 22nd Annual Congress of the Historical Society of Nigeria, University of Benin, Benin City, 27-31 mar. 1977.